Dia 18 — Santo Tomás de Vilanova, Arcebispo de Valência

Martirológio Romano

Santo Tomás de Vilanova, arcebispo e confessor, em Valência, na Espanha; cujo trânsito se celebra no dia 8 deste mês. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

O martírio de São Metódio, bispo de Olimpo, na Lícia, e depois de Tiro, muito esclarecido por sua eloquência e por sua doutrina; o qual, como escreve São Jerônimo, em Negroponte, na Grécia, no fim da última perseguição mereceu a coroa do martírio. (Também é conhecido com o nome de Santo Eubúlio ou Eubulo, que ele mesmo se deu em sua admirável obra intitulada *Banquete das virgens.*)

São Ferréolo (ou Ferriol), mártir, na diocese de Viena, no Delfinado: sendo tribuno foi preso por ordem do muito ímpio presidente Crispino e cruelmente açoitado; depois, havendo-o carregado de pesadas cadeias, o meteram num horrível calabouço, do qual saiu havendo-se quebrado milagrosamente as cadeias e aberto as portas do cárcere; mas, havendo sido preso outra vez, o degolaram e alcançou a palma do martírio. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

As santas mártires Sófia e Irene. (Ignora-se de onde foram nem em que ponto padeceram; mas seus nomes se acham nos mais antigos Martirológios gregos e romanos.)

Santo Eustórgio, em Milão, primeiro bispo desta cidade, célebre pelos elogios que lhe tributa Santo Ambrósio.

Santo Eumênio ou Eumênio, bispo e confessor, em Gortina, na ilha de Cândia.

Santo Tomás de Vilanova, Arcebispo de Valência

Santo Tomás de Vilanova, ornamento da Igreja da Espanha, nasceu em Fuenllana, lugar pequeno de La Mancha, no ano de 1488; mas criou-se em Villanueva de los Infantes, a três léguas do dito lugar, por sê-lo de seu pai, e dele tomou o sobrenome de Vilanova. Não era ilustre sua família; mas era muito limpa e muito honrada, com bastantes bens de fortuna para viver honradamente segundo sua condição. Sobretudo seus pais eram muito conhecidos pela exemplar caridade que tinham com os pobres. Haviam-se imposto a si mesmos a lei de não amontoar dinheiro, mas de repartir em esmolas tudo o que lhes sobrava de sua fazenda. Não vendiam os grãos nem os demais frutos nos mercados como o faziam os outros lavradores: separavam o que haviam mister para o gasto da casa e todo o demais o distribuíam entre os pobres, que acudiam a eles com toda a confiança como a benfeitores seus. Esta virtude da misericórdia e da esmola foi a mais preciosa herança que deixaram a seu filho e herdeiro, inspirando-lha desde o berço. Não perdoou a meio algum Afonso García, pai de nosso Santo, para dar-lhe uma cristã educação; e sua mãe, Lúcia Martínez, mulher de grande virtude, dedicou ao mesmo fim todos os seus maternais desvelos, tardando pouco em reconhecer que a graça ajudava seu piedoso trabalho ainda mais eficazmente que ela. Contava Tomás somente sete anos quando deu grandes mostras de seu compassivo amor aos pobres com cem indústrias, que só podiam ser sugeridas pelo espírito de Deus. Cada dia saía com alguma nova invenção em favor dos necessitados. Umas vezes deixava a comida para dá-la de esmola; outras despia-se de suas vestes para cobrir com elas algum menino nuzinho. Tudo quanto podia encontrar em casa que fosse de algum alívio aos pobres, tudo o agarrava e o distribuía entre os muitos mendigos que a todas as horas concorriam a sua porta. Trigo, legumes, viandas e pão eram a matéria ordinária de seus piedosos furtos, e seus caritativos pais, em lugar de repreendê-lo, eram os primeiros que o celebravam.

Sobretudo, a virtuosa mãe tinha especial gosto em ver as indústrias de que se valia para ter sempre que dar aos pobres que lhe pediam esmola. Fizeram-lhe um vestido novo, e o primeiro dia que o estreou deu-o ao primeiro pobre que encontrou ao sair de sua casa e voltou a vestir o velho. Surpreendida a mãe, perguntou-lhe o que havia feito do vestido novo, e o santo Menino lhe respondeu que, como estava acostumado ao velho, acomodava-se mais bem com ele e o outro lhe pareceu que era melhor para os pobres.

Outro dia estava só em casa e, não tendo a chave da despensa para dar pão a seis pobres que chegaram à porta, lembrou-se de que no curral havia uma galinha com seis pintos; deu a cada um um pinto e os despediu. Quando voltou a mãe e deu por falta de seus pintos, o santo Menino, com seu natural candor, confessou-lhe o que havia feito, acrescentando com igual ingenuidade que, se houvesse vindo outro pobre, mais pensava dar-lhe a galinha.

A esta virtude da caridade acompanhavam todas as demais que são ordinárias nos Santos. A doçura e a apacibilidade de seu gênio enfeitiçavam a quantos o tratavam. Não conhecia Tomás nem sequer aquelas mentirinhas que são tão comuns nos meninos. Sua ingenuidade era seguro

indício do candor e da pureza de sua alma; delicada virtude que nunca se murchou nele, nem sequer com o mais leve vapor; tanto que até seu ar, suas conversações e seus modos a inspiravam nos jovens mais livres; e sua devoção se pegava a todos os que observavam o respeito e a compostura com que estava horas inteiras nas igrejas.

As primeiras palavras que seus pais lhe ensinaram a pronunciar foram os dulcíssimos nomes de Jesus e de Maria. Por isso era tão terna sua devoção à Mãe de Deus que comumente o chamavam o filho da Virgem, havendo-se reparado que os sucessos particulares de sua vida foram em alguma festividade desta Senhora. No dia da Apresentação tomou o hábito de religioso, no da Assunção o fizeram bispo e no da Natividade da Virgem foi sua ditosa morte.

Havendo estudado em sua pátria as primeiras letras, nas quais por seu engenho e por sua aplicação adiantou muito em pouco tempo, enviaram-no seus pais, sendo de idade de quinze anos, à universidade de Alcalá, que acabava de fundar o cardeal Jiménez. Logo se fez muito assinalado nela por seu engenho e muito mais por sua virtude; e o que costuma ser escolho em que naufraga a inocência dos jovens serviu somente para acrescentar novo lustre à de nosso Tomás. Longe de deixar-se arrastar pelos maus exemplos de outros professores de sua idade, ele os trazia ao amor da virtude com os bons que lhes dava. Não se sabia o que mais se havia de admirar no santo mancebo, ou os assombrosos progressos que fazia nas ciências ou o que adiantava cada dia na virtude. Antecipou-se sua reputação à madureza da idade. Ainda não tinha vinte anos, e já o buscavam para árbitro das diferenças. Por mais que sua modéstia se esforçava a ocultar seus raros talentos, descobria-se seu extraordinário mérito apesar de sua humildade; e assim, havendo recebido o grau de mestre em artes aos vinte e seis anos, foi nomeado catedrático de filosofia. Estendida sua fama pela Espanha, ao cabo de dois anos foi chamado à universidade de Salamanca: convite que admitiu gostoso, porque já se lhe faziam insuportáveis as honras que lhe tributavam em Alcalá; mas, como a todas as partes levava consigo seu mérito e sua virtude, em todas dava muito que padecer a sua humildade a admiração, o conceito e o aplauso dos homens.

Havia muito tempo que Tomás suspirava ansiosamente pela solidão; e os mesmos aplausos do mundo avivavam mais e mais estes ansiosos desejos em seu humilde espírito. Ainda que sua vida era recolhida, austera e retirada, sendo seu principal estudo o da salvação, fazia-se-lhe intolerável o preciso comércio com as gentes que não podia escusar; e, havendo chegado a seu conhecimento que assim em Alcalá como em Salamanca se pensava seriamente em fixá-lo na universidade para elevá-lo às primeiras dignidades eclesiásticas, determinou tratar eficazmente de seu retiro. Durou pouco a deliberação. Depois de examinado o espírito e os estatutos de muitas sagradas religiões, pareceu-lhe que o chamava Deus à dos ermitãos de Santo Agostinho. Mal descobriu seu ânimo, foi recebido com extraordinário gozo de toda a Ordem. Entrou nela no ano de 1518, no mesmo dia em que o desgraçado Lutero a havia abandonado, como se notou com o tempo; como que a divina Providência queria consolar a Religião na justa dor que lhe causava a deserção de um apóstata, recompensando-a desta perda com a admissão de um grande Santo.

Muito desde logo se reconheceu que, em lugar de um noviço, se havia recebido um grande mestre da vida espiritual. Para ele eram alívios os exercícios mais penosos da Religião, recreio as mais rígidas austeridades. Acostumado desde a idade de dez anos aos jejuns, às mais dolorosas mortificações do corpo e à perfeita abnegação da própria vontade, todos os rigores da Religião se

lhe representavam lenitivos e temperantes. Por isso, ainda que sua mortificação chegava a ser excessiva, costumava dizer que desde que havia entrado religioso já não fazia penitência. Não houve noviço mais exato no cumprimento de todas as obrigações, nem religioso mais rendido nem mais humilde. Ao ver a santa simplicidade com que se portava em tudo, podia julgar-se que inteiramente estava esquecido de que havia sido catedrático nas universidades mais célebres da Espanha. Pela constante uniformidade de sua conduta chegou-se a crer ou que havia nascido sem paixões ou que por privilégio particular Deus lhas havia extinguido em sua inocente alma. A seu fervor e a sua inocência correspondia sua terna devoção. Por isso, mal acabou o ano de noviciado, ordenaram-no de sacerdote; e, acrescentando o sacerdócio novo lustre a sua virtude, no mesmo ano os superiores lhe mandaram que repartisse ao povo o pão da palavra de Deus; o que fez com tanta dignidade e com tanto fruto que daí em diante só era conhecido pelo renome de apóstolo da Espanha.

Com este emprego voltou a reproduzir sua caridade com os pobres, que havia estado como suspensa durante o retiro do noviciado; de sorte que ao mesmo tempo era o pregador da palavra de Deus, enfermeiro dos enfermos, mordomo dos pobres e o recurso universal de todos os necessitados. Fizeram escrúpulo os superiores de que esta grande tocha estivesse mais longo tempo escondida debaixo do alqueire e o mandaram ensinar a teologia no convento de Salamanca. Desempenhou o novo emprego com universal aplauso, sem afrouxar por isso em seu fervor nem em seu zelo. Toda a cidade concorria a suas lições, movida de sua grande reputação, e nelas aprendia ao mesmo tempo a ciência das escolas, a da Religião e a da salvação eterna. Pelo singular talento de pregador de que o havia dotado o céu, as mais principais e populosas cidades da Espanha o pediram para que pregasse nelas. Fê-lo com maravilhoso fruto em Burgos e em Valhadolide, onde toda a corte concorria a ouvi-lo com ânsia verdadeiramente assombrosa. Ninguém era mais frequente a seus sermões que o mesmo imperador Carlos V, o qual o nomeou por seu teólogo e por seu pregador ordinário. Perguntado em certa ocasião de onde tirava uns pensamentos tão sólidos, uns conceitos tão elevados, uma eloquência tão doce, tão pegajosa e tão enérgica, acompanhada de tanta moção, respondeu com sua acostumada humildade que o Crucifixo era o grande mestre dos pregadores e que a oração devia ser sua principal escola. É verdade que recebia nela umas luzes tão soberanas que só Deus lhas podia comunicar e que muitas vezes foi visto arrebatado em êxtase.

Como os religiosos de sua Ordem o tratavam mais de perto que os seculares, tinham também mais bem conhecidos seus extraordinários talentos e seu raro mérito; em cuja consideração lhes pareceu dever dispensar com ele uma constituição da Ordem que proíbe que sejam promovidos a superiores os que não tenham sete anos de profissão. Só tinha dois de professo quando o fizeram prior do convento de Salamanca, depois do de Burgos, em terceiro lugar do de Valhadolide, duas vezes provincial da Andaluzia e uma de Castela. Desempenhou estes cargos com tanta dignidade e com tanta satisfação de todos os seus súditos que nele se verificou o que escreve São Paulo a Timóteo: «A virtude serve para tudo», e os Santos sobressaem em tudo o que lhes encarrega a obediência. À vista do que ia crescendo cada dia a santidade e o mérito de nosso Tomás, não se pode explicar a geral veneração que mereceu em toda a Espanha. Havia condenado à morte o imperador Carlos V certos cavaleiros, réus de lesa-majestade; intercederam por eles os grandes da Espanha e, entre outros, o almirante, o condestável, o arcebispo de Toledo e até seu mesmo filho o príncipe das Astúrias, D. Filipe: esteve inexorável o Imperador; mas não pôde resistir à súplica que

fez em favor deles nosso Santo; e, como viu que toda a corte se admirava muito desta preferência, disse publicamente: «Haveis de ter entendido que os rogos do Prior dos Agostinhos de Valhadolide são para mim como preceitos de Deus; justo é que se concedam algumas graças da terra a um varão santo e tão amigo de Deus, a quem devemos recorrer para que nos consiga as do céu.»

Andava nosso Santo visitando os conventos de sua província quando teve notícia de que o Imperador o havia nomeado para o arcebispado de Granada e de que lhe havia mandado expedir a cédula. Sobressaltou-se estranhamente sua profunda humildade, sugerindo-lhe tantas razões para renunciar aquela dignidade, e representou-as ao Imperador com tanta eloquência que se viu precisado a render-se e a admitir-lhe a renúncia. Mas, vagando depois o arcebispado de Valência por demissão de D. Jorge da Áustria, promovido ao bispado de Liège pelo papa Paulo III, e achando-se em Flandres o Imperador muito arrependido já da facilidade com que havia condescendido a primeira vez com a humildade de Fr. Tomás, nomeou-o para este arcebispado. Recebeu o Santo a cédula imperial sem assustar-se muito, parecendo-lhe que a segunda renúncia seria tão eficaz como a primeira; mas enganou-se. Conspiraram contra sua resolução um e outro poder, o temporal e o espiritual, mandando-lhe seus superiores, sob pena de excomunhão, que se rendesse à vontade de Deus tão descoberta. Não teve outro remédio que obedecer. Consagrou-o em Valhadolide o arcebispo de Toledo no ano de 1544, e ao ponto partiu para sua igreja sem outra comitiva nem família que um religioso, que era seu sócio, e dois criados do convento de onde vinha. Fez a viagem a pé, com seu hábito roído e um chapéu que lhe havia servido já vinte e seis anos e lhe serviu depois em todas as suas viagens. Teve pensamento de ir ver sua mãe, que, havendo cedido sua casa ao hospital, se havia consagrado ao serviço dos pobres e lhe havia escrito que passasse por Villanueva para dar-lhe este consolo antes de morrer. Ao princípio lhe pareceu coisa muito justa; mas, consultando-o com Deus, achou que a carne e o sangue tinham muita parte naquela condescendência, e assim por pura virtude se privou daquele consolo.

Fez a entrada pública em sua igreja no primeiro dia do ano de 1545: e, vendo os cônegos sua pobreza, presentearam-no com quatro mil ducados. Admitiu-os o Santo com o maior agradecimento; mas à sua mesma presença mandou que os levassem logo ao hospital para alívio dos pobres, dizendo que, não sendo incompatível a pobreza com a dignidade episcopal, estava determinado a viver na mesma conformidade em que sempre havia vivido. Com efeito, seu vestido era o de um pobre e mero religioso e sua mesa a mesma que no convento; sendo de ditame de que o bispo só se havia de distinguir pela virtude e pelas boas obras, não pela preciosidade dos móveis nem pela magnificência e suntuosidade dos equipamentos. Sempre considerou suas rendas como patrimônio dos pobres, em que ele só tinha a incumbência de distribuí-lo; e assim os mesmos pobres chamavam publicamente sua casa ao palácio arquiepiscopal. Raro dia se deixava de dar esmola a mais de quatrocentos, sem as secretas que se faziam a todas as famílias envergonhadas. Não havia pessoas nobres tão engenhosas em ocultar suas necessidades como era industriosa a caridade do Arcebispo em descobri-las e sua liberalidade em socorrê-las. Nunca teve cruz arquiepiscopal própria nem oratório nem ornamento; tudo o tinha emprestado da catedral. A louça de sua mesa era de barro, e toda a sua prata se reduzia a umas colheres para os hóspedes ou convidados. Observou toda a vida os jejuns da Ordem e os da Igreja a pão e água.

A sua vida penitente correspondia o zelo pela salvação de suas ovelhas. Nenhum pastor o excedeu no cuidado de seu rebanho. Não só visitava todos os anos o arcebispado, mas pregava todos os

dias e alguns mais de uma vez. Bastava vê-lo para mover-se e ouvi-lo para converter-se, pelo que em brevíssimo tempo mudou de semblante toda a diocese. Ocupava o dia em visitar os pobres enfermos, em instruir os ignorantes, em converter os pecadores e em compor as diferenças: as duas partes da noite as passava em devoções. Estendia-se particularmente sua solicitude pastoral às donzelas pobres, aos meninos expostos, aos encarcerados e aos órfãos. Todos estes encontravam no santo Prelado socorro, consolo, poderosa proteção e asilo.

Convocou o papa Paulo III um concílio geral em Trento; e, vendo-se impossibilitado o santo Prelado de concorrer a ele pela debilidade de sua saúde, consumida ao rigor de suas penitências e de seus grandes trabalhos, nomeou em seu lugar o bispo de Huesca. Quase todos os Prelados da Espanha que concorreram ao concílio passaram por Valência para tomar parecer de nosso Santo, venerado como oráculo na Igreja; e se assegura que, achando-se estes Bispos no mar muito a perigo de padecer naufrágio, imploraram a intercessão de Santo Tomás, que se lhes apareceu vestido de pontifical, os assegurou e ao ponto se sossegou a tormenta. Assim o afirmaram em Trento os mesmos Prelados.

Entretanto o alto conceito que formava o santo Arcebispo das obrigações de um bom pastor e o baixíssimo que fazia de si por sua profunda humildade o tinha num contínuo sobressalto, temendo a terrível conta que havia de dar a Deus. Este temor o congojava dia e noite, obrigando-o a solicitar muitas vezes que se lhe admitisse a renúncia do arcebispado; e, não querendo dar-lhe ouvidos na Espanha, acudiu a Roma. Mas, vendo fechadas todas as portas, voltou-se ao Senhor, pedindo-lhe com muitas lágrimas que livrasse sua igreja de tão indigno Prelado. Ouviu-o sua Majestade e o tirou logo deste mundo, não para livrar sua Igreja de um Prelado indigno, mas para dar-lhe um poderoso protetor no céu e para premiar com a glória eterna sua eminente virtude.

Achando-se em oração no dia da Purificação da santíssima Virgem do ano de 1555 e crescendo em seu coração o ansioso desejo de gozar quanto antes de seu Deus, ouviu uma voz que lhe disse clara e distintamente: «Tomás, não te aflijas: tem um pouco de paciência: no dia da Natividade de minha Mãe receberás o prêmio de teus trabalhos.» Desde aquele instante viveu o santo Arcebispo numa espécie de contínua contemplação, sendo sua vida um continuado exercício de penitência, de oração e de obras de caridade. Enfim, no dia 29 de agosto sentiu-se acometido de uma esquinência acompanhada de violenta febre. Conheceram todos que se aproximava sua última hora pela extraordinária alegria que manifestou em seu semblante. Quis receber com tempo os santos Sacramentos. Três dias antes de sua morte, desejando que a caridade com os pobres, que, por assim dizer, havia nascido com ele, o acompanhasse até a sepultura, mandou trazer diante de si cinco mil ducados, os únicos que lhe haviam ficado, e deu ordem de que se distribuíssem entre os pobres de todas as paróquias da cidade sem que se reservasse nem um só maravedi. No dia antes de sua morte, dizendo-lhe que, depois de haver socorrido largamente a todos os pobres da cidade, haviam sobrado mil e duzentos escudos, exclamou: «Por amor de Deus vos rogo que nesta mesma noite, e antes que amanheça o dia de amanhã, repartais todo esse dinheiro entre os pobres: este é o maior serviço que me podeis fazer.» À meia-noite foi preciso obedecer-lhe; e, dizendo-lhe a manhã seguinte que estava obedecido em tudo o que havia mandado: «Graças vos dou, Senhor, exclamou, pela mercê que me fazeis de morrer pobre. Encarregastes-me a administração de vossos bens, e já os repartiu segundo vossa divina vontade.» Entrou um instante depois o tesoureiro da igreja e lhe disse que acabava de trazer-lhe um pouco de dinheiro: «Pois ide

prontamente, respondeu-lhe o Santo, e distribuí-o entre os pobres, levando logo logo todos os móveis de meu quarto ao reitor do colégio que fundei.» Lembrando-se depois de que a pobre camilha em que morria era sua, teve algum escrúpulo e, vendo em seu quarto o alcaide do cárcere eclesiástico, disse-lhe: «Amigo, dou-te desde logo esta cama em que estou: só te peço de graça e por amor de Jesus Cristo que ma deixes emprestada até que expire.» Desfaziam-se em lágrimas todos os presentes, e o Santo mandou que lhe administrassem a Extrema-Unção. Depois fez que lhe dissessem missa em seu quarto; e, ao acabar-se o santo sacrifício, pronunciando os dulcíssimos nomes de Jesus e de Maria, rendeu docemente a alma em mãos de seu Salvador no dia 8 de setembro do ano 1555, aos sessenta e sete de sua idade e onze de seu pontificado. Os funerais foram dos mais magníficos; mas nenhuma coisa os honrou tanto como os clamores e as lágrimas de mais de oito mil e quinhentos pobres que choravam a perda de um bom pai e não se podiam consolar dela. No mesmo dia de sua morte manifestou Deus sua alta santidade com grande número de milagres. Trinta e três anos depois achou-se inteiro o santo corpo; e no de 1618 foi solenemente beatificado pelo papa Paulo V, que mandou que em todos os seus retratos se lhe pintasse com uma bolsa na mão e rodeado de pobres. Enfim, no primeiro dia de novembro de 1658 foi solenemente canonizado pelo papa Alexandre VII, que mandou que se rezasse dele em toda a Igreja.

São Ferréolo, Mártir

O bem-aventurado São Ferréolo ou Ferriol foi natural da cidade de Viena, na França, e, segundo se colige de sua história, era cavaleiro muito principal e tribuno do exército, cujo grau equivalia ao de coronel de nossos tempos. São Juliano, natural da mesma cidade, alojava-se em sua casa e fazia profissão pública da religião cristã. Quando começou a enfurecer-se a perseguição em Viena, São Ferréolo induziu São Juliano a que se fosse (veja-se a notícia deste Santo entre as do dia 28 de agosto), e ele esperou tranquilamente os furores do presidente daquela parte da Gália chamado Crispino, o qual, havendo começado a perseguir todos os cristãos que achava renitentes a seus decretos, mandou prender, entre outros, Ferréolo por suspeitas que dele se tinham. Tratando, pois, de fazê-lo sacrificar aos deuses, disse-lhe: «Ferréolo, é mister que tu obedeças dos primeiros aos mandatos dos Imperadores, a quem, pelo soldo que desfrutas sendo tribuno, deves fidelidade, pela majestade, reverência e, pelo aumento da honra, devoção; e assim por uma como por outra coisa lhes hás de obedecer. Considera que te convém com gosto e de bom grado fazer sua vontade, para que depois não a hajas de fazer com desgosto e por força. Para isto te mandei chamar; cumpre o que te digo e oferece sacrifício.» Respondeu o Mártir: «Eu sou cristão e não posso adorar a teus deuses: aos Imperadores servi na milícia o tempo que lhes podia servir como cristão, e, quando a ti dei a obediência, determinei obedecer a leis justas e nunca a leis injustas, sacrílegas e más; e assim tenho proposto militar contra os inimigos do Estado como devo, mas não contra os Cristãos. Os estipêndios e honras que dizes não os quero: o Imperador sacrílego dê de comer ao soldado sacrílego; porque eu não ando buscando proveitos temporais, bastante tenho de que poder viver como cristão; e, se não posso passar a vida desta maneira, mais quero morrer.» — «Que blasonar de morte, disse o Presidente, é este? É por ventura que, depois de haver proferido tantas injúrias contra as leis e nossos príncipes, a menosprezas como desesperado? Faço-te saber que todas as injúrias que disseste contra nossos deuses e Imperadores te serão perdoadas se fazes

penitência de teu pecado, despedindo-te da seita dos Cristãos.» — «A humanidade e perdão que me prometes, replicou o Santo, guarda-o para o que há de militar sob tua bandeira, ou dos Imperadores, ou de tuas leis, às quais ninguém lhes faz injúria antepondo a elas a do verdadeiro Deus. Antes aquele comete crime de lesa-majestade que venera as coisas insensíveis e caducas, quais são teus deuses. Eu propus adorar o Criador, e não a criatura, nem a teus deuses, feitos por mãos de homens. Porque o Deus dos Cristãos fez o céu e a terra e tudo o que está neles para nosso bem, e não para que nos senhoreiem nem mandem.»

Vendo o Presidente a constância do Mártir, mandou açoitá-lo cruelíssimamente e lançá-lo depois num escuro cárcere carregado de cadeias. Mas ao terceiro dia de estar nele caíram milagrosamente a seus pés as cadeias quebradas em mil pedaços e abriram-se-lhe as portas de par em par: reconhecendo o Santo este singular favor de Deus e vendo os guardas dormidos, saiu do calabouço e da cidade e foi-se pelo caminho real, sem buscar sendas nem esconderijos, pelas portas que guiavam a Lyon. Passou a nado o Ródano e chegou até o rio Gère, que deságua no anterior duas léguas mais acima de Viena, onde caiu outra vez em mãos de seus perseguidores, os quais lhe ataram as mãos às costas e o levaram consigo parte do caminho, até que, assaltados de um furor selvagem, lhe cortaram a cabeça às margens do Ródano pelos anos de 304.

Conta Santo Antonino de Florença em sua primeira parte histórica que, havendo os gentios cortado a cabeça a São Juliano, a levaram a seu amigo São Ferréolo, ameaçando-o que, se não adorava os deuses, fariam outro tanto com ele; e que, vendo que nada o acovardava o espetáculo da cabeça de seu santo amigo, resolveram-se a matá-lo, como o efetuaram, e que depois levaram a cabeça de São Juliano e o corpo de São Ferréolo a Viena e os puseram num mesmo sepulcro. E que, passados muitos anos, abrindo o dito sepulcro São Mamerto, bispo de Viena, achou a cabeça de São Juliano entre as mãos de São Ferréolo, fresca e tão inteira como se naquele mesmo dia a houvessem posto na sepultura. O Rev. Butler refere este sucesso desta maneira: «Os cristãos de Viena, diz, enterraram o corpo de São Ferréolo com grande veneração perto do mesmo rio, e os cidadãos dela experimentam sua proteção com frequentes benefícios que recebem de Deus por meio das preces que se fazem em sua tumba, segundo refere o autor de suas atas. Suas relíquias se conservam na igreja que se erigiu em honra sua em Viena, perto do rio: as de São Juliano na suntuosa de seu nome em Brioude, na diocese de Clermont, na Auvérnia. São Mamerto, bispo de Viena, descobriu a cabeça de São Juliano pelos anos de 474 e, estando quase arruinada a primeira igreja de São Ferréolo que se edificou sobre sua tumba, quase pelo mesmo tempo trasladou suas relíquias a uma nova que erigiu dentro de muros, onde se acham ao presente. As atas de São Ferréolo, ainda que não originais, são autênticas e conformes com a relação que de sua vida faz São Gregório de Tours.»

A São Ferréolo, mártir, chamado em vulgar catalão São Ferriol, têm muita devoção em algumas partes do principado da Catalunha e muito especialmente no termo de Besalú, do bispado de Girona, onde há um templo muito devoto dedicado a seu santo nome, com parte de suas relíquias; e nele, pela intercessão do Santo, dignou-se o Senhor fazer grandes milagres; de maneira que em suas paredes se ostentam oitenta e nove muletas e outros inumeráveis troféus oferecidos pelos muitos enfermos que se curaram. Destes milagres referem-se muitos escritos de mão num livro que se custodia na dita igreja. (Domènech e Butler.)

São José de Cupertino, Confessor

O glorioso São José, chamado de Cupertino porque nasceu no lugar deste nome, situado na diocese de Nardò, no reino de Nápoles, veio ao mundo a 17 de junho do ano de 1603. Seus pais, Félix Desa e Francisca Panara, foram pobres, mas virtuosos. Sua mãe o criou com sentimentos grandes de piedade; mas o tratava com muita severidade, castigando-o frequentemente por qualquer leve falta, para acostumá-lo à vida austera e penitente. Desde sua infância deu mostras de um fervor extraordinário, e não havia coisa nele que não anunciasse estar gozando antecipadamente as delícias das consolações celestiais. Era muito atento ao serviço divino e, numa idade em que geralmente é dominante o amor às delícias, levava um cilício e mortificava seu corpo com várias austeridades. Puseram-no a aprender o ofício de sapateiro, a cujo destino esteve aplicado algum tempo.

Aos dezessete anos de sua idade apresentou-se para ser recebido nos Franciscanos conventuais, onde tinha dois tios de distinção na Ordem. Rejeitaram-no, não obstante, por não haver estudado. Tudo o que pôde conseguir foi que o recebessem nos Capuchinhos em qualidade de irmão leigo; mas aos oito meses foi despedido por não ser a propósito para as regras daquela comunidade. Longe de desanimar-se, insistiu na ideia de abraçar o estado religioso: por fim os Franciscanos, movidos a compaixão, receberam-no em seu convento de Grottella, chamado assim por uma capela subterrânea dedicada a Deus sob o patrocínio de Maria. Este convento estava perto de Cupertino. Havendo, pois, o Santo acabado seu noviciado com grande fervor, fez seus votos e foi recebido como leigo entre os oblatos da Ordem Terceira. Ainda que empregado nos ofícios ínfimos da casa, os desempenhava com a maior fidelidade: redobrou seus jejuns e austeridades: orava continuamente e não dormia mais que três horas cada noite. Sua humildade, sua doçura, seu amor à mortificação e penitência lhe adquiriram tanta veneração que num capítulo provincial celebrado em Altamura no ano de 1625 resolveu-se admiti-lo entre os religiosos de coro para que se qualificasse para receber as ordens sagradas.

José pediu passar para isto um segundo noviciado, depois do que se separou muito mais da comunidade dos homens para unir-se mais estreitamente com Deus em oração e contemplação. Olhava-se como o maior pecador do mundo e cria que só por caridade lhe haviam dado aquele hábito religioso. Sua paciência lhe fez levar em silêncio e com alegria os maiores impropérios e repreensões por faltas que não havia cometido; e sua obediência foi tal que executava sem exame quantos preceitos se lhe impunham. Tantas virtudes juntas não puderam deixar de fazê-lo objeto da admiração geral. Ordenado de presbítero no ano de 1628, celebrou sua primeira missa com inexplicáveis sentimentos de fé, de amor e de respeito. Elegeu uma cela a mais retirada e incômoda. Desejava ir sempre orar nos oratórios menos frequentados, para poder entregar-se livremente à contemplação. Desprendia-se de quantas dificuldades podiam obstar-lhe o cumprimento dos preceitos de sua regra e despojava-se liberalmente de quanto esta lhe dava; e depois que se via destituído de tudo, exclamava prostrado ante um Crucifixo: «Olhai-me, ó Senhor, despido de todas as coisas: sede Vós, se vos dignais, meu único bem: todo o demais o olho como arriscado e como perda positiva para minha alma.»

Logo depois de haver recebido o sacerdócio, passou cinco anos sem gostar o pão nem o vinho; em cujo tempo viveu mantendo-se só de ervas e frutas secas: e até as que comia nas sextas-feiras eram tão desabridas que só ele as podia usar. Seu jejum na Quaresma era tão rigoroso que em sete dias não tomava mais alimento que a santa Eucaristia, à exceção de domingos e quintas-feiras. Seu semblante pela manhã estava sumamente pálido, mas, depois da Comunhão, espirituoso e de bom colorido. Havia adquirido tal hábito de jejuar que já seu estômago não podia levar mais alimento; e seus desejos de mortificação o fizeram inventar vários instrumentos de penitência.

Havendo-se estendido a voz de que tinha alguns arroubos em suas orações e de que obrava também alguns milagres, o povo costumava segui-lo em tropel por qualquer parte que ia na província de Bari. Certo vigário geral ofendeu-se muito disto e deu parte daquela novidade aos inquisidores de Nápoles. José foi mandado comparecer; mas, examinados os capítulos de sua acusação, foi declarado inocente e o puseram em liberdade. Em Nápoles mesmo disse missa na igreja de São Gregório Armênio, que era de um mosteiro religioso. Acabado o santo sacrifício, arrobou-se em êxtase, como atestaram no processo de sua canonização muitas testemunhas de vista. Os inquisidores o enviaram a seu geral em Roma, o qual o recebeu com dureza e lhe mandou retirar-se ao convento de Assis. José encheu-se de regozijo com a notícia, por causa da devoção grande que tinha ao santo Fundador de sua Ordem. O guardião de Assis tratou-o também com aspereza; mas sua santidade brilhava cada vez mais: e as pessoas de maior distinção manifestavam um afinco grande por vê-lo. Chegou a Assis no ano de 1639 e permaneceu treze anos naquele convento. Ao princípio padeceu muitas tribulações interiores e exteriores: seu superior muitas vezes o chamava hipócrita e o tratava com um rigor extraordinário. Por outra parte também parecia que Deus o havia abandonado; seus religiosos exercícios iam acompanhados de uma secura e esterilidade espiritual tão penosa que o afligia extremadamente: os fantasmas impuros que lhe apresentava a cada passo sua imaginação, juntos com as tentações mais ativas, o abismaram numa tão profunda melancolia que apenas se atrevia a levantar os olhos. Seu geral, informado de sua situação, o chamou a Roma e, havendo-o tido ali três semanas, voltou a enviá-lo a seu convento de Assis.

No caminho para Roma experimentou o Santo que voltavam suas antigas consolações celestiais. Aos nomes santos de Deus, de Jesus ou de Maria sentia sair fora de si. Costumava exclamar muitas vezes: «Dignai-vos, Deus meu, de encher e possuir meu coração. Oh, veja-se livre minha alma das cadeias do corpo para unir-me com Jesus Cristo! Jesus, Jesus, levai-me convosco: eu não posso estar mais nem mais viver na terra.» Ouviu-se-lhe muitas vezes excitar outros ao amor de Deus e dizer-lhes que amassem a Deus, que o que o amava se fazia rico sem conhecê-lo. Seus arroubos eram tão frequentes como extraordinários. Resulta dos processos que só em Cupertino foram mais de setenta, sem contar os que tinha cotidianamente quando celebrava a santa missa. Muitos costumava tê-los em público, dos quais foram testemunhas muitas pessoas de alta hierarquia e cuja verdade declararam depois com juramento. Entre estes foi um João Frederico, duque de Brunswick e Hannover. Este Príncipe, que era luterano, ficou tão comovido do que viu que abjurou seus primeiros dogmas e abraçou a fé católica. José tinha também um talento muito particular para converter pecadores obstinados e para tranquilizar o coração dos que experimentavam interiores turbações. Costumava dizer a algumas pessoas escrupulosas que iam consultá-lo: «Eu não entendo que deva haver escrúpulos nem melancolias nos que servem a Deus: obrai bem e não temais.»

Com a maior clareza explanava os mistérios principais de nossa Religião, cujo sublime conhecimento o devia o Santo à imediata comunicação que tinha do Espírito de Deus na oração.

Sua prudência, que era admirável no modo de conduzir e dirigir as almas, atraía-lhe um concurso de povo inumerável, até de Cardeais e de Príncipes. Prognosticou a João Casimiro, filho de Sigismundo III, rei da Polônia, que algum dia chegaria a reinar para bem comum de seu povo e santificação de muitas almas e lhe aconselhou que não tomasse o estado nem hábito religioso. Mas, havendo este Príncipe entrado depois nos Jesuítas, fez o voto dos estudantes da Companhia e foi feito cardeal por Inocêncio X no ano de 1646. José o dissuadia da resolução que havia tomado de ordenar-se; e quanto havia prognosticado veio a suceder, porque, morto Ladislau, filho mais velho de Sigismundo, no ano de 1648, foi João Casimiro eleito rei da Polônia. Com tudo, passado algum tempo renunciou a coroa e retirou-se à França, onde morreu no ano de 1672. Este mesmo Príncipe foi o que contou todas as circunstâncias do fato que referimos.

Seus milagres não foram menos notáveis que outros favores extraordinários que recebeu de Deus. Muitos enfermos deveram o restabelecimento de sua saúde a suas orações. Caindo enfermo o mesmo Santo de uma febre em Osimo, no dia 10 de agosto de 1663, predisse que sua última hora estava já muito perto. No dia antes de sua morte recebeu o Viático e logo a Extrema-Unção. Ouviu-se-lhe repetir muitas vezes aquelas aspirações de um coração inflamado do amor de Deus: «Oh, veja-se livre minha alma quanto antes da prisão de meu corpo para ver-se unida com Cristo! Louvado e bendito seja Deus. Faça-se a vontade de Deus. Jesus crucificado, recebei meu coração e arda no fogo de vosso santo amor!» Morreu, pois, em tal dia como hoje do ano de 1663, à idade de sessenta anos e três meses. Seu corpo foi exposto na igreja, e toda a cidade foi visitá-lo com o maior respeito: foi depois enterrado na capela da Conceição. Provado o heroísmo de suas virtudes e atestada a verdade de seus milagres, foi beatificado por Bento XIV no ano de 1753 e canonizado por Clemente XIII no de 1767. Clemente XIV inseriu seu ofício no Breviário romano.

Missa (oração)

A missa é em honra de Santo Tomás, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Deus, qui beatum Thomam Pontificem insigni in pauperes misericordiæ virtute decorasti: quæsumus, ut ejus intercessione, in omnes qui te deprecantur, divitias misericordiæ tuæ benignus effundas. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ó Deus, que dotastes o bem-aventurado Tomás de uma insigne caridade com os pobres, suplicamo-vos que, por sua intercessão, derrameis liberalmente as riquezas da misericórdia em todos os que vos invocam. Por Nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é dos capítulos 44 e 45 do Eclesiástico.

Eclesiástico 44,16-27; 45,3-20

> **Latim:** 16 Enoch placuit Deo, et translatus est in paradisum, ut det gentibus pœnitentiam. 17 Noë inventus est perfectus, justus, et in tempore iracundiæ factus est reconciliatio. 18 Ideo dimissum est reliquum terræ, cum factum est diluvium. 19 Testamenta sæculi posita sunt apud illum, ne deleri possit diluvio omnis caro. 20 Abraham magnus pater multitudinis gentium, et non est inventus similis illi in gloria : qui conservavit legem Excelsi, et fuit in testamento cum illo. 21 In carne ejus stare fecit testamentum, et in tentatione inventus est fidelis. 22 Ideo jurejurando dedit illi gloriam in gente sua, crescere illum quasi terræ cumulum, 23 et ut stellas exaltare semen ejus, et hæreditare illos a mari usque ad mare, et a flumine usque ad terminos terræ. 24 Et in Isaac eodem modo fecit, propter Abraham patrem ejus. 25 Benedictionem omnium gentium dedit illi Dominus, et testamentum confirmavit super caput Jacob. 26 Agnovit eum in benedictionibus suis, et dedit illi hæreditatem, et divisit illi partem in tribubus duodecim. 27 Et conservavit illi homines misericordiæ, invenientes gratiam in oculis omnis carnis. 3 Glorificavit illum in conspectu regum, et jussit illi coram populo suo, et ostendit illi gloriam suam. 4 In fide et lenitate ipsius sanctum fecit illum, et elegit eum ex omni carne. 5 Audivit enim eum, et vocem ipsius, et induxit illum in nubem. 6 Et dedit illi coram præcepta, et legem vitæ et disciplinæ, docere Jacob testamentum suum, et judicia sua Israël. 7 Excelsum fecit Aaron fratrem ejus, et similem sibi, de tribu Levi. 8 Statuit ei testamentum æternum, et dedit illi sacerdotium gentis, et beatificavit illum in gloria : 9 et circumcinxit eum zona gloriæ, et induit eum stolam gloriæ, et coronavit eum in vasis virtutis. 10 Circumpedes, et femoralia, et humerale posuit ei : et cinxit illum tintinnabulis aureis plurimis in gyro : 11 dare sonitum in incessu suo, auditum facere sonitum in templo in memoriam filiis gentis suæ. 12 Stolam sanctam auro, et hyacintho, et purpura, opus textile viri sapientis, judicio et veritate prædiți : 13 torto cocco opus artificis gemmis pretiosis figuratis in ligatura auri, et opere lapidarii sculptis, in memoriam secundum numerum tribuum Israël. 14 Corona aurea super mitram ejus expressa signo sanctitatis, et gloria honoris : opus virtutis, et desideria oculorum ornata. 15 Sic pulchra ante ipsum non fuerunt talia usque ad originem. 16 Non est indutus illa alienigena aliquis, sed tantum filii ipsius soli, et nepotes ejus per omne tempus. 17 Sacrificia ipsius consumpta sunt igne quotidie. 18 Complevit Moyses manus ejus, et unxit illum oleo sancto. 19 Factum est illi in testamentum æternum, et semini ejus, sicut dies cæli, fungi sacerdotio, et habere laudem, et glorificare populum suum in nomine ejus. 20

> Ipsum elegit ab omni vivente, offerre sacrificium Deo, incensum, et bonum odorem, in memoriam placare pro populo suo :

Português: [16] Henoc agradou a Deus, e foi trasladado ao Paraíso, para exortar as nações à penitência. [17] Noé foi achado perfeito, justo, e no tempo da ira veio a ser a reconciliação dos homens. [18] Por isso foram deixadas umas relíquias déles sobre a terra, quando veio o dilúvio. [19] Com êle foi feito o pacto eterno, que não pudesse ser destruída por outro dilúvio tôda a carne. [20] O grande Abraão foi o pai da multidão das nações e não se achou outro semelhante a êle em glória, o qual guardou a lei do Excelso, e com êle se pôs em aliança. [21] Em sua carne ratificou esta aliança, e êle na tentação foi achado fiel. [22] Por isso jurou o Senhor que lhe havia de dar glória em sua família, que êle cresceria como o pó da terra, [23] e que exaltaria a sua descendência como as estrelas, e que êles teriam uma herança de mar a mar, e desde o rio até às extremidades da terra. [24] E com Isaac obrou do mesmo modo por amor de Abraão seu pai. [25] O Senhor lhe deu a bênção de tôdas as nações e confirmou o testamento sôbre a cabeça de Jacó. [26] Reconheceu-o em suas bênçãos, e deu-lhe a herança, e lha repartiu, dividindo-a entre as doze tribos. [27] E conservou-lhe homens de misericórdia, que achassem graça diante dos olhos de tôda a carne. [3] Glorificou-o diante dos reis, e lhe prescreveu ordenações diante do seu povo, e lhe fêz ver a sua glória. [4] Pela sua fé e mansidão o santificou e o escolheu dentre toda a carne. [5] Porque o ouviu a êle, e a sua voz, e o fêz entrar na nuvem. [6] E lhe deu os seus preceitos cara a cara, e a lei da vida e da disciplina para ensinar o seu Testamento a Jacó, e os seus juízos a Israel. [7] Sublimou a seu irmão Aarão, e semelhante a êle da tribo de Levi: [8] Estabeleceu com êle um pacto eterno, e lhe deu o Sacerdócio da Nação: E o fêz bem-aventurado em glória, [9] e o cingiu duma faixa de glória, e o revestiu duma vestidura também de glória, e o coroou com adornos de preciosidade. [10] Pôs-lhe a vestidura talar, e a túnica interior, e o efod, e o cingiu ao redor dum grande número de campainhas de ouro. [11] A fim de repetir o sonido delas quando andasse, para fazer ouvir no templo êste mesmo sonido por modo de advertência aos filhos da sua gente. [12] A vestidura santa, de ouro e de jacinto, e de púrpura, obra tecida, dum varão sábio, dotado de juízo e de verdade: [13] De fio de escarlate torcido, obra de grande artifício, de pedras preciosas gravadas em engaste de ouro, e entalhadas por indústria de lapidário para avivar a memória do número das tribos de Israel. [14] Havia sôbre a sua mitra uma coroa de ouro esculpida com sêlo de santidade, e com glória de honra: Obra de muito primor, e adorno que levava após si os olhos de todos. [15] Trajos tão majestosamente airosos como êstes não houve antes dêle desde o princípio do mundo. [16] Dela se não vestiu pessoa alguma de outra família, mas só únicamente os seus filhos, e os seus netos por todo o decurso das idades. [17] Os seus sacrifícios foram todos os dias consumidos pelo fogo. [18] Moisés lhe sagrou as mãos, e o ungiu dum óleo santo. [19] Foi-lhe concedido a êle, e à sua descendência por um pacto eterno como os dias do Céu, o exercer as funções do sacerdócio, e cantar louvores, e bendizer ao seu povo em seu nome. [20] Êle o escolheu dentre os viventes para oferecer a Deus o sacrifício, o incenso e o bom cheiro, a fim do mesmo Deus se lembrar do seu povo fazendo-o assim propício.

Reflexões

Este é o grande sacerdote que agradou a Deus. Quando acabará de formar o mundo um conceito cabal da verdadeira grandeza? Quando deixará de colocá-la num pouco de fumo, que se desvanece logo que se levanta? Não vê Deus nos homens coisa alguma que se possa chamar grande senão o cuidado de agradar-lhe e de servi-lo. Rara coisa! Quase sempre a ambição da glória e a ânsia da distinção são a origem de que se consumam vãmente as rendas e a causa principal dos gastos mais supérfluos e mais loucos. Muito caro se compra na verdade um pouco de pó para lançá-lo nos olhos dos homens. Não há dúvida de que os postos elevados colocam alguém em sítio alto: mas o que é pequeno de si, por elevado que esteja, nem por isso é mais grande. Essas magnificências inteiramente mundanas, prodigalidades sem quê nem para quê; essas profusões em regalos, em mesas e em festins, acrescentarão muita honra a um homem destituído de todo mérito? Enquanto isso, um copo de água dado por caridade tem por recompensa o mesmo céu. Que soberbo trem, que magníficos equipamentos deram jamais tanta honra como uma tropa de pobres que te rodeiam e te chamam por seu pai? Inutilmente te queres aturdir fazendo pública profissão de mundano: cristão és, e a luz da Religião se abre caminho por entre as densas trevas. Ouve-se uma voz em meio ao maior estrondo. Conhece-se muito bem que nenhuma coisa faz mais respeitável a um grande, a um homem rico que a caridade cristã. Descobre-se nesta liberalidade certa grandeza de alma, certo fundo de nobreza, certa superioridade de espírito que se eleva muito sobre esses títulos secos, estéreis, infrutíferos, fundados em posses que não comunicam mérito e em uns antepassados que já não existem. Um mau coração, um espírito apoucado, uma alma baixa e vulgar nunca foram muito caritativos. É a caridade a virtude das almas nobres; e a liberalidade com os pobres, o caráter mais ordinário de um coração verdadeiramente cristão. Admiramo-nos de ver tantas mudanças na fortuna das casas e dos homens. Nunca se viram no teatro tantas mutações de cenas. Um mesmo homem representa em sua vida muitos papéis: as mesmas posses, os mesmos cargos, os mesmos móveis mudam de mãos e de amos a cada passo. Pelo menos poucos filhos se encontram que herdem a boa fortuna de seus pais. A pobreza nunca se desvia muito da porta dos ricos. Logo se segue a necessidade à magnificência que faz mais ruído, e veem-se poucas famílias opulentas que transpassem a abundância a seus herdeiros. Atribui-se esta inconstância da prosperidade a mil acidentes que certamente não têm parte nela. A dureza dos ricos com os pobres e com os necessitados é a causa mais comum dessas revoluções de fortuna. Negam-se a Deus os juros, por explicar-me assim; pois não há que admirar-se de que retire o principal. Se o pai administrou mal o fundo, não é muito que o dono tire aos filhos a administração: *aliis locabit agricolis.* Queres fixar essa fortuna brilhante? Queres adquirir uma verdadeira grandeza? Queres que o capital e os rendimentos se conservem largo tempo hereditários em tua família? Queres assegurar a abundância na posteridade de tua casa? Pois sê rico em caridade, sê liberal, sê magnífico em esmolas e em obras pias. Não tem a prosperidade título de posse mais bem fundado que o sustento dos pobres.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 25 de São Mateus (veja-se o dia 5).

Mateus 25,14-23

> **Latim:** 14 Sicut enim homo peregre proficiscens, vocavit servos suos, et tradidit illis bona sua. 15 Et uni dedit quinque talenta, alii autem duo, alii vero unum, unicuique secundum propriam virtutem : et profectus est statim. 16 Abiit autem qui quinque talenta acceperat, et operatus est in eis, et lucratus est alia quinque. 17 Similiter et qui duo acceperat, lucratus est alia duo. 18 Qui autem unum acceperat, abiens fodit in terram, et abscondit pecuniam domini sui. 19 Post multum vero temporis venit dominus servorum illorum, et posuit rationem cum eis. 20 Et accedens qui quinque talenta acceperat, obtulit alia quinque talenta, dicens : Domine, quinque talenta tradidisti mihi, ecce alia quinque superlucratus sum. 21 Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui. 22 Accessit autem et qui duo talenta acceperat, et ait : Domine, duo talenta tradidisti mihi, ecce alia duo lucratus sum. 23 Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui.

Português: 14 Porque assim he como hum homem, que ao ausentar-se para longe, chamou aos seus servos, e lhes entregou os seus bens. 15 E deo a hum cinco talentos, e a outro dous, e a outro deo hum, a cada hum segundo a sua capacidade, e partio logo. 16 O que receberá pois cinco talentos, foi-se, e entrou a negociar com elles, e ganhou outros cinco. 17 Da mesma sorte tambem o que receberá dous, ganhou outros dous. 18 Mas o que havia recebido hum, indo-se com elle, cavou na terra, e escondeu alli o dinheiro de seu senhor. 19 E passando muito tempo, veio o senhor d'aquelles servos, e chamou-os a contas. 20 E chegando-se a elle o que havia recebido os cinco talentos, apresentou-lhe outros cinco talentos, dizendo: Senhor, tu me entregaste cinco talentos, eis-aqui tens outros cinco mais que lucrei. 21 Seu senhor lhe disse: Muito bem, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor. 22 Da mesma sorte apresentou-se tambem o que havia recebido dous talentos, e disse: Senhor, tu me entregaste dous talentos, eis-aqui tens outros dous, que ganhei com elles. 23 Seu senhor lhe disse: Bem está, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor.

Meditação

Sobre as obras de misericórdia

Primeiro ponto

Considera que por obras de misericórdia se entendem aquelas obras, aquelas ações de caridade que, dirigidas pela fé, são próprias dos verdadeiros fiéis e que fazem em parte o caráter dos verdadeiros discípulos de Cristo, pelas quais até os mesmos gentios discerniam os Cristãos,

distinguindo-os dos demais homens: aquelas virtudes que, sendo sobrenaturais, só nascem dentro do cristianismo e que sempre foram o maior elogio de nossa santa Religião. Teve grande cuidado o Filho de Deus de ensinar-nos estas obras de misericórdia e de fazer-nos compreender sua indispensável necessidade para a salvação, querendo que tivéssemos entendido que nelas se haviam de fundar os títulos para o prêmio; e, pondo-se o mesmo Senhor em lugar dos mesmos pobres, a quem se faz a esmola por seu amor, diz a seus escolhidos: «Vinde, benditos de meu Pai, a possuir o reino que vos está preparado desde a criação do mundo; porque tive fome, e me destes de comer: tive sede, e me destes de beber: não tinha onde recolher-me, e me hospedastes: estava nu, e me cobristes: estava enfermo, e me visitastes: estava no cárcere, e me fostes ver. Porque em verdade vos digo: todas as vezes que fizestes todas estas coisas com o mais mínimo de meus irmãos, a mim as fizestes.» À vista disto, serão mister muitos discursos para provar que todas estas boas obras nem sempre são de puro conselho, mas que muitas vezes são necessárias para a salvação? Não te fez Deus rico, não te deu tantas conveniências, não te concedeu tantos bens para ti só; se só pensasse em ti, ter-te-ia dado menos. Esses bens temporais, essas conveniências humanas, essa saúde, esse crédito e essa autoridade são benefícios que se te dispensaram em favor dos demais. Na repartição das condições, dos benefícios temporais e dos bens desta vida, haveria ao parecer não sei que dureza e não sei que coisa contrária à geral bondade e à universal providência de Deus se aos pobres e aos necessitados os houvesse deixado sem socorro e sem alívio, ao mesmo tempo que cumulava de bens tão grande número de indevotos e de ingratos. Mas o Senhor só dá os bens aos homens a título oneroso. Dá-os aos ricos para que socorram os pobres em suas necessidades. Os poderosos, os grandes do mundo, os homens acomodados, segundo a intenção da divina Providência, são propriamente tutores dos pobres e dos desvalidos. Bom Deus, que material de reflexões para todo gênero de gentes!

Segundo ponto

Considera que a sentença de reprovação se fundará precisamente no desprezo, ou pelo menos em haver-se negado ao exercício destas obras de misericórdia. «Apartai-vos de mim ao fogo eterno que está preparado para o diabo e para seus anjos», dirá o soberano Juiz; «porque tive fome e não me destes de comer: tive sede e não me destes de beber: não tinha onde recolher-me e não me hospedastes: estava nu e não me vestistes: estive enfermo e no cárcere e não me visitastes.» Nisto se fundará aquela terrível sentença. Deixa Deus todos os demais motivos e só faz menção destes, para dar-nos a entender que sem a virtude da misericórdia todas as demais são defeituosas. Ainda que tenhas tido a pureza mais acrisolada; ainda que te tenhas entregado a um contínuo exercício de oração; ainda que tenhas macerado tua carne com as mais rigorosas penitências, de nada disso se fará caso se te faltaram as obras de misericórdia. O distintivo de todos os escolhidos há de ser o amor do próximo; mas um amor prático, benéfico e compassivo. A idade, o estado e a condição podem talvez dispensar-te de trabalhar, de macerar teu corpo, de jejuar, etc., mas nunca te podem dispensar de compadecer-te das misérias e necessidades de teus irmãos. É a misericórdia certa sensibilidade terna da alma à vista das misérias alheias, acompanhada de um sincero desejo de remediá-las: quem se poderá ter por dispensado nesta virtude? Isto é o que moveu tantos Reis e tantas Rainhas; e isto é o que hoje move tantas pessoas cristãs a santificar seu estado, sua condição e todo o tempo que têm livre com o exercício de obras de misericórdia. Conheceram a importância, e até a necessidade, de exercitar-se nelas para salvar-

se. Temos nós a mesma fé? Somos do mesmo ditame? Se hoje ou amanhã houvéssemos de comparecer no tribunal do supremo Juiz, árbitro decisivo de nossa eterna sorte, a sentença de nosso eterno destino se fundaria nesta virtude da caridade?

Oh meu Deus, e quanto devo temer, se os dias que me faltam de viver são tão estéreis em boas obras como os que vivi até aqui! Dignai-vos, Senhor, fazer com vossa graça que minha vida seja mais fértil, mais fecunda daqui em diante. Abrasai meu coração com o aceso fogo da caridade; e, pois me destes a conhecer a necessidade desta virtude, fazei que a ponha em prática.

Jaculatórias

Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles conseguirão misericórdia. (Mt 5.)

Que consolo tem o homem quando se compadece e quando socorre as necessidades alheias! (Sl 111.)

Propósitos

1. É a misericórdia uma compaixão, uma caridade com o próximo, que nos move a socorrê-lo em suas misérias. Divide a Igreja as obras de misericórdia em sete espirituais e sete corporais. As sete espirituais são estas: Primeira, ensinar ao que não sabe. Segunda, corrigir com prudência e com caridade ao que erra. Terceira, dar bom conselho ao que o há mister. Quarta, consolar o triste. Quinta, sofrer com paciência as fraquezas e contradições do próximo. Sexta, perdoar sinceramente as injúrias. Sétima, rogar a Deus pelos que nos perseguem e pelos vivos e os mortos. As sete corporais são estas: Primeira, dar de comer ao faminto. Segunda, dar de beber ao sedento. Terceira, hospedar o peregrino. Quarta, vestir o nu. Quinta, visitar os enfermos. Sexta, resgatar o cativo. Sétima, enterrar os mortos. Ninguém há que não se possa exercitar em alguma destas obras: dedica-te a encher todas as obrigações da caridade segundo teu estado. Alguma destas obras se proporciona a todas as condições e a todas as pessoas. Se não podes enterrar os mortos, podes dar com que amortalhá-los, podes mandar dizer missas e fazer sufrágios por aquelas almas desamparadas que nem os deixaram nem há quem se lembre delas para aliviá-las no outro mundo. Se não podes hospedar em tua casa os pobres peregrinos, dá-lhes com que se recolham em outra; e é certo que Deus te premiará esta boa obra.

2. Não tens com que dar de comer ao faminto nem com que vestir o nu: não podes visitar nos hospitais e nos cárceres o enfermo nem o encarcerado; mas podes sofrer com paciência as injúrias e os defeitos do próximo: não há estado que to embarace. Podes perdoar de bom coração as ofensas; obras de misericórdia que a cada passo se oferecem e de que há abundante colheita em todos os estados. Enfim, não estás em paragem de visitar os pobres enfermos da paróquia; bem que poucos haverá que o possam deixar de fazer, especialmente quando se gasta tanto tempo em visitas inúteis e demasiado frequentes: mas quem dirá racionalmente que não pode ensinar a seus filhos e a seus criados? Conhece agora o mal que fizeste e o muito que perdeste e faze firme

propósito de que não se passe dia sem exercitar alguma obra de misericórdia das espirituais ou das corporais. Daqui depende, por assim dizer, toda a economia e todo o segredo da predestinação.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:52:41 by Admin
Updated 20 November 2026 20:52:42 by Admin